



DOSSIÊ: CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DE INTERAÇÃO

Paisagem linguística em Natal/RN: no “...coração da selva... de pedra”, contradiscursos e tensões sociais

Linguistic Landscape in Natal/RN: in the “...heart of the jungle...of stone”, counter-discourse and social tensions

Paisaje lingüística en Natal/RN: en el “...corazón de la selva...de piedra”, contra discursos y tensión social

Hugo Pedro Silva dos Santos¹

orcid.org/0000-0001-5087-1128
hugo.santos.071@ufrn.edu.br

Emiliana Oliveira de Lima¹

orcid.org/0009-0000-5323-5522
oliveira.emiliana@gmail.com

Marília Varella Bezerra de Faria¹

orcid.org/0000-0002-5832-891X
marliavbf@yahoo.com.br

Recebido em: 2 maio 2024.

Aprovado em: 8 out. 2024.

Publicado em: 18 dez. 2024.

Resumo: As cidades são ambientes de interação construídos, sobretudo, pelas marcações da linguagem na cena pública. Assim sendo, questionamos: o que constrói, semanticamente, as práticas discursivas que integram a paisagem linguística do/no bairro Cidade Alta, centro de Natal/RN, sob o prisma da vida social e das relações de poder? Objetivamos, de forma geral, analisar e problematizar quais sentidos são construídos e indexados, tematicamente, em enunciados que compõem a cena pública da paisagem na referida localidade. Para tal, filiamo-nos, teoricamente, à Linguística Aplicada crítico-transgressiva e indisciplinar, com base em Moita Lopes (2006) e Pennycook (1998, 2006), da qual empreendemos uma leitura enunciativo-discursiva, com base nas proposições do Circulo de Bakhtin em Bakhtin (2011) e Volóchinov (2018, 2019). No trabalho, dialogamos com os estudos sobre paisagem linguística em Blommaert (2013), Shohamy e Gorter (2009); sobre a cidade em Pennycook e Otsuji (2015); e sobre a historiografia dos espaços em Albuquerque Jr. (Live, 2020). O *corpus* de análise foi gerado mediante registros fotográficos da paisagem linguística (PL) no bairro supracitado. Por fim, a investigação aponta que a paisagem em questão é construída por contradiscursos que tematizam ao estabelecer relações dialógicas com a vida social e redes discursivas, além de questões de sexualidade.

Palavras-chave: paisagem linguística; contradiscurso; interação; Natal/RN.

Abstract: Cities are places of interaction that are built, especially, by the marks of languages in the public scenery. Thus, this study makes the question: what discursive practices do, semantically, that integrates the linguistic landscape from/in the Cidade Alta neighborhood, in the center of Natal, Rio Grande do Norte, related to social life and power relationships? It aims, in a general way, analyze and problematize which meanings are constructed and indexed, thematically, in statements that make up the public scene of the landscape in that location. To this, this study has as theoretical support the critical-transgressive and interdisciplinary Applied Linguistics, based on Moita Lopes (2006) and Pennycook (1998, 2006) by means of it makes an enunciative-discursive reading, based on propositions of Circle of Bakhtin in Bakhtin (2011) and in Volóchinov (2018, 2019). This works dialogs with studies about Linguistic Landscape, of Blommaert (2013), Shohamy and Gorter (2009); about city, of Pennycook e Otsuji (2015); and about historiography of spaces, of Albuquerque Jr. (Live, 2020). Photographic records of the linguistic landscape of this neighborhood build the *corpus* of this analyze. In conclusion, this investigation points that counter-discourses build this landscape, due to stablish dialogical relationships with social life and discursive nets, that thematize questions of sexuality.

Keywords: Linguistic Landscape; Counter-Discourse; Interaction; Natal/RN-BRA.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Resumen: Las ciudades son lugares de relaciones construidas, principalmente, por las marcaciones del lenguaje en la escena pública. De igual modo, cuestionamos "lo que se construye, semánticamente, las practicas discursivas que integran el paisaje lingüístico de las comunas de Ciudad Alta, centro de Natal/RN, sobre la perspectiva de la vida social y de las relaciones de poder?". Objetivamos, en general, analizar y problematizar cuales sentidos son construidos y registrados, temáticamente, en enunciados que componen en el escenario público del paisaje de dicha localidad. Para ello, nos sumamos, teóricamente a la Lingüística Aplicada crítico-transgresivo e indisciplinar, con referencia en Moita Lopes (2006) y Pennycook (1998, 2006), en el cual efectuamos una lectura enunciativa-discursiva, basada en las proporciones del Circulo de Bakhtin en Bakhtin (2011) y en Volóchinov (2018, 2019). En el trabajo, dialogamos con los estudios relacionados al paisaje lingüístico en Blommaert (2013), Shohamy y Gorter (2009); sobre la ciudad en Pennycook e Otsuji (2015); y relacionado a la historiografía de los espacios en Albuquerque Jr. (Live, 2020). El *corpus* del análisis fue generado mediante registros fotográficos del Paisaje Lingüístico en la comuna antes mencionada. En fin, la investigación apunta que el paisaje en cuestión es construido por el contra discursos que enfocan, dadas las relaciones dialógicas establecidas con la vida social y redes discursivas, problemas de sexualidad.

Palabras clave: paisaje lingüístico; contra discurso; interacción; Natal/RN-BRA.

Considerações iniciais

A pesquisa desenvolvida resulta das discussões realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). Do mesmo modo, possui contribuições significativas do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão de Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* do Sertão (GELASAL/UFAL), coletivo de estudos no qual há a problematização acerca da intersecção entre linguagem e território.

Neste artigo, o nosso interesse em paisagem linguística (PL) evoca a compreensão, conforme discute Moita Lopes (2022), de que vivemos em uma sociedade hipersemiotizada, na qual a produção de símbolos e discursos se acentuou significativamente, aspecto que impacta, de forma determinante, os espaços públicos nas cidades, ambientes de interação que se

configuram como arenas discursivas, nas quais há disputas de narrativas e de poder². Assim sendo, somos especialmente impactados pela PL do bairro Cidade Alta, no centro de Natal/RN, pois esse espaço tem sido, constantemente, alvo de debates e discussões devido a uma crise econômica, imobiliária e social sem precedentes, que também se manifesta e se constrói através da PL do bairro.

Nesse íterim, ao entendermos que as cidades/espacos/regiões são ambientes de interação lubrificadas³ pela linguagem, Como discutem Pennycook, Pessoa e Silvestre (2015), questionamos: o que constroem, semanticamente, sobre a vida social e as relações de poder, as práticas discursivas, especificamente em pichações, que integram a PL do/no bairro Cidade Alta, centro de Natal/RN? Quais diálogos e elos discursivos integram, refletem e refratam, protestam ou corroboram? Quais os mecanismos linguístico-discursivos adotados pelos enunciadorees? Da mesma maneira, ao fazermos esses questionamentos, nosso objetivo geral é analisar e problematizar quais os sentidos construidos e indexados, tematicamente, em enunciados que compõem a cena pública do bairro Cidade Alta, em Natal/RN; de forma específica, objetivamos cartografar os elos discursivos e as relações dialógicas produzidas na PL da referida localidade, atentando-nos às questões de poder. Do mesmo modo, pretendemos, ainda, investigar quais as estratégias linguistico-discursivas adotadas pelos enunciadorees na construção dos enunciados que compõem a referida PL. Assim, definimos como objeto de estudo a PL da localidade supracitada.

Desse modo, consideramos o objeto de estudo como complexo, nos termos do que discute Signorini (1998), em virtude dos elementos sociais, culturais, históricos, políticos e ideológicos que tornam o uso da linguagem um intrincado emaranhado de (contra)discursos.

Dado o exposto, vinculamo-nos epistemo-

² Em consonância com o que teoriza Bakhtin (2015), compreendemos que as relações de poder estão associadas às ações das forças verboideológicas centripetas e centrifugas. A força centripeta está relacionada ao exercício de contenção/unificação, enquanto a força centrifuga está relacionada à dispersão.

³ Trata-se da mobilização de uma metáfora proposta por Pennycook (2016) para argumentar que a linguagem é um dos elementos integrantes da engrenagem socioterritorial citadina e, portanto, constitutiva do seu funcionamento.

logicamente à Linguística Aplicada (LA) crítico-transgressiva de base indisciplinar, conforme empreendimento teórico de Moita Lopes (2006) e Pennycook (1998, 2006), que se configura, nas discussões de Santos Filho (2023), como uma LA para cortar, ou seja, uma LA que está ancorada em outra racionalização que não a cartesiano-positivista, a qual produz saberes não só para compreender mas também para contestar e questionar. Dessa forma, o saber para cortar em LA é uma metáfora utilizada por Santos Filho (2023) para fazer pensar a necessidade da produção de saberes não para compreender, mas para constranger coerções sociais, "feri-las" e desmanchar os sutis rearranjos do poder, o que dialoga, também, com os fundamentos das práticas contradiscursivas de resistência.

Diante desse paradigma epistemológico, realizamos, ao longo deste estudo, uma análise dialógica do discurso, com base em Volóchinov (2018). O procedimento metodológico adotado para a realização das análises consistiu em três etapas: no primeiro momento, analisamos e discutimos a esfera do discurso em que estão inseridas as práticas discursivas que compõem o *corpus*; em seguida, discutimos e identificamos o gênero ou os gêneros do discurso que os enunciados atualizam/objetivam; e, por fim, analisamos o arranjo estilístico, atentando-nos à composição estilística dos processos enunciativos, como as estratégias linguístico-discursivas e o arranjo verbovisual dos enunciados analisados.

A geração do *corpus* de análise se deu mediante a realização de registros fotográficos de pichações na PL do bairro Cidade Alta, na capital potiguar. Tal recorte foi realizado em virtude do valor significativo dos referidos enunciados. Dado o exposto, evidenciamos a escolha dessa localidade em virtude do contexto de crise que assola o bairro, assim como pelo aumento de práticas discursivas consideradas dissidentes na PL, de forma que a problematização desses enunciados na vida pública pode nos ofertar uma chave significativa de interpretação acerca das relações de poder e sociabilidades construídas pelas práticas linguageiras no bairro. Dessa forma,

dado o recorte estabelecido, foram produzidos dez registros fotográficos de pichações que compõem a PL do Cidade Alta, mas ressalvamos que, em função deste artigo, analisamos uma pichação que possui como tema questões de sexualidade, porque a entendemos como um enunciado espetacular, ou seja, um enunciado que se destaca pela sua valoração mediante a sua capacidade de gerar impacto, provocar, constranger e chamar a atenção, nos termos do que discute Moita Lopes (1996).

Em síntese, este artigo está organizado em quatro seções, após estas considerações iniciais. Na primeira seção, intitulada "Quando a palavra se soltou e ganhou a rua": na paisagem linguística, o(s) enunciado(s) concreto(s)", discutimos a noção de PL em diálogo com a concepção de linguagem bakhtiniana; na segunda seção, denominada "O bairro Cidade Alta, em Natal/RN: espaços urbanos interativos de cultura, linguagens e tensões sociais", tratamos sobre a Cidade Alta enunciativamente (re)construída; posteriormente, realizamos as análises dos dados, na terceira seção, intitulada "No '...coração da Selva... de Pedra': paisagem linguística e cenas enunciativo-discursivas"; por fim, tecemos as "Considerações finais" do trabalho.

1 "Quando a palavra se soltou e ganhou a rua": na paisagem linguística, o(s) enunciado(s) concreto(s)

Albuquerque Jr. (Live, 2020), historiador dos espaços, ao discutir as dimensões ética e estética da política para Foucault, rememora um episódio histórico na França, o denominado "Maio de 68", movimento político-social marcado por greves gerais e ocupações estudantis que trouxe uma particularidade relevante: as paredes de Paris foram impregnadas por poemas, versos, narrativas e dizeres. Trata-se de um acontecimento didático que reverbera, para Foucault, a confluência entre estética, ética, política e linguagem. No Brasil, os escritos de resistência também "invadiram as ruas" e impregnaram as paredes das cidades, sobretudo em um contexto de combate à Ditadura Militar (1964-1985), momento no qual

as escritas da cidade, como as pichações, foram utilizadas em movimento de contradiscurso, revide e afronta a uma realidade de desigualdade social e violência política.

Os dois acontecimentos históricos refletiram um dado relevante da modernidade: o fato de que a *palavra se soltou e ganhou a rua*, metáfora que nos serve para pensar, conforme Albuquerque Jr. (Live, 2020), ao citar Michel Certeau, que a palavra se libertou, que a palavra saiu dos domínios privados e dos domínios exclusivos de uso da linguagem escrita (pela elite senhorial e religiosa) para adentrar os largos de comércio, as galerias, as avenidas, as ruas, as praças públicas. Da mesma forma, ainda ao tratar sobre traços característicos da modernidade, Albuquerque Jr. (Live, 2020) cita Walter Benjamin para dizer que, além de *se soltar e ganhar a rua*, "a palavra sai da horizontal e vai para vertical", no sentido de que as palavras e os textos deixam de estar "deitadas" nos livros, papiros, tratados e apostilas para ocupar a verticalidade de anúncios, fachadas, *outdoors* e letreiros, de modo que podemos afirmar que há, na vida pública urbana, um bombardeamento de sentidos que, de maneira constitutiva, reverberam diversas ideologias sobre aquilo que enunciam.

Ao tratarmos sobre textos da/na vida urbana ou de escritos da cidade, referimo-nos, fundamentalmente, ao que se configura como a PL de uma localidade, ou seja, remetemo-nos ao cenário linguístico-enunciativo-discursivo de um espaço geográfico. Nesta senda, Shohamy (2006, p. 112) argumenta que a paisagem linguística (*linguistic landscape*) "refere-se à linguagem que os objetos marcam na vida pública", noção que nos permite pensar, por exemplo, como as práticas languageiras da/na vida pública participam das disputas territoriais, políticas e, por consequência, sociais. Assim sendo, Shohamy e Gorter (2009) argumentam, na obra *Linguistic Landscape: expanding the scenery*, que o "centro das atenções" acerca do que se denomina PL é "a linguagem no ambiente, as palavras e ima-

gens exibidas e expostas em espaços públicos" (Shohamy; Gorter, 2009, p. 01, tradução nossa⁴). A conceituação proposta nos permite argumentar que a linguagem não está somente nos celulares, livros, jornais, TVs, assim como nas demais interações orais ou escritas; a linguagem está também e, sobretudo, nos ambientes físicos, cercando-nos, provocando, dirigindo, orientando, chamando a nossa atenção e – não podemos deixar de destacar – construindo os espaços e as próprias relações sociointerativas.

Nessa perspectiva, Blommaert (2013, p. 09) argumenta que "[...] as paisagens linguísticas levam-nos à espacialidade da linguagem" e que a linguagem na cena pública confere ao espaço público sociabilidades, política linguística e – o que nos interessa neste artigo – fornece-nos indícios para problematizar conflitos sociais, políticos, econômicos e culturais. Ao tecer tais considerações, Blommaert (2013) também alerta que a forte expansão das pesquisas acerca de PLs acabou por restringir possibilidades de interpretar a linguagem na paisagem de forma mais dinâmica. Para esse linguista, as restrições dizem respeito ao conceito de *linguagem* imbricado à linguística e à noção de contexto incorporada ao conceito de *paisagem*.

Assim sendo, com o objetivo de contribuir para os estudos em PL, e de tornar as análises e a proposição teórica, aqui empreendida, mais vibrantes e dinâmicas, entendemos, com base em Milton Santos (1985), que *paisagem* – não diz respeito (somente) a um dado fixo, geomorfológico, pronto ou acabado, produto de uma identidade que poderia ser depreendida em uma simples visualização física do ambiente. Ao contrário, entendemos, com esse geógrafo, que a paisagem também é um constructo social, produto das relações sociais e de poder em uma interação entre a ação humana e a natureza.

Outro dado relevante acerca da noção de *paisagem* é que ela será "lida" e interpretada a depender da posição axiológica dos sujeitos na

⁴ No original: "It is the attention to language in the environment, words and images displayed and exposed in public spaces, that is the center of attention in this rapidly growing area, referred to as linguistic landscape (LL)".

interação visual com o espaço, pois há uma dicotomia fundamental que deve ser considerada. Sob esse prisma, a visão dos sujeitos diz respeito a um aparato biológico do corpo humano, mas o olhar diz respeito às experiências, à cultura e, sobretudo, à ideologia que enforma/informa modos de ver, interpretar e agir dos sujeitos sobre o espaço, conforme discute Albuquerque Jr. (2016). Dado o exposto, as paisagens não podem ser entendidas como dados meramente físicos, pois, se assim o forem, há forte risco de que os estudos sobre paisagem tornem-se, como alertou Blommaert (2013), menos dinâmicos e vibrantes e cada vez mais abstratos e estanques.

Acerca da confluência entre os conceitos de *paisagem* e *linguagem*, qual é a concepção de língua(gem) adotada por nós neste estudo sobre PL? Antes de tudo, achamos pertinente explicar acerca das noções de *linguagem* e de *PL* das quais nos afastamos, pois a perspectiva aqui não é fazer uma descrição quantitativa acerca das linguagens coexistentes no espaço urbano público ou mesmo descrever a estrutura dessas linguagens utilizadas na urbe, abstraindo-as das suas condições de produção. Dessa forma, compreendemos que uma das questões apontadas por Blommaert (2013) como risco de os estudos em PL se tornarem menos dinâmicos está na adoção de uma concepção abstrata de língua, pois essa perspectiva teórica desconsidera os aspectos culturais, sociais e ideológicos imbricados ao uso da linguagem e separa o sistema linguístico das suas condições de existência na vida, nas interações sociais e no fluxo ininterrupto de sentidos.

A adoção de uma perspectiva abstrata de língua impede, dentre outras coisas, a compreensão de que as práticas discursivas situadas, imersas em uma conjuntura sociocultural, histórica, dialógica e ideológica de produção, não representam uma dada realidade ou uma ontologia que preexistem ao discurso, mas, sim, que a constroem, conforme discutido por Moita Lopes (2022). Assim, uma concepção representacional de linguagem desconsidera que é pelas práticas languageiras que nomeamos, atribuímos valor,

depreciamos, inventamos e (re)construímos as coisas no mundo – tal perspectiva desconsidera o caráter construtivo da linguagem.

Desta forma, Volóchinov (2018) defende que o signo ideológico não apenas reflete (designa) a realidade, mas a refrata (interpreta). Tal compreensão tende a fazer com que as pesquisas em PL se tornem mais dinâmicas e vibrantes, pois as práticas languageiras adquirem, nessa perspectiva, a relevância que possuem na construção da realidade inteligível nos ambientes interativos e, por conseguinte, da paisagem e da sua confluência com a linguagem. Desta forma, em detrimento de uma perspectiva abstrata de língua, a concretude da linguagem – neste caso, dos usos da linguagem na PL – só será possível por meio da sua inserção no contexto histórico, territorial e social de sua realização em situações concretas.

Para Volóchinov (2018), a linguagem, nas suas diferentes dimensões semióticas, é realizada e materializada na unidade real da interação discursiva, a saber, o *enunciado concreto*, conceito que nos será fundamental para o procedimento de análise, pois compreendemos que as PLs são construídas e compostas por processos enunciativos concretos, em variadas esferas da comunicação e gêneros do discurso. Para Volóchinov (2018), todo enunciado concreto se configura como um elo na cadeia de discursos, pois sempre, e invariavelmente, responde a algo e a uma orientação nos processos e diferentes ambientes interativos da comunicação. Desta forma, ao construir dado projeto de dizer, os sujeitos o fazem para responder enunciados pregressos e suscitar enunciados futuros, refratando-os, reafirmando-os, contestando-os, polemizando-os, assim como produzindo contradiscursos, resistências, entraves e rasuras ao discurso do outro.

O contradiscurso emerge nas relações dialógicas sociocomunicativas para, dentre outras coisas, confrontar, rivalizar, produzir resistência, provocar e revidar a posição valorativa do discurso de outrem, pois um enunciado sempre emerge de um "eu" para o "outro". Assim, o contradiscurso pode ser considerado, a partir das ideias de

Bakhtin (2011) como a manifestação de diferentes vozes sociais, o que evidencia uma caracterização da heterodiscursividade das práticas de linguagem, ou seja, é por meio do heterodiscurso que tensionamos, polemizamos, contestamos ou concordamos com o discurso do outro.

Assim sendo, podemos considerar que os ambientes de interação, bem como as cidades e os espaços públicos nelas compartilhados, configuram-se como arenas discursivas nas quais há consensos, reafirmações e mesmo a amoralidade, mas também as tensões e as contradições sociais que se configuram como pilares da vida alteritária da linguagem e dos sujeitos na vida social (Bakhtin, 2011). Portanto, há de se considerar a relevância das tensões sociais e dos contradiscursos na construção do fluxo vivo e ininterrupto de sentidos e da alteridade. É relevante ressaltar que os enunciados concretos são capazes de gerar fraturas, microfaturas e rasuras no discurso do outro. De modo que é importante ponderar que o ato discursivo – o enunciado – não é puramente individual. Ele é, ao mesmo tempo, individual e coletivo.

Como aponta Volóchinov (2018), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, todo enunciado é realizado de um "eu" para um "outro" na articulação de dois aspectos relevantes: a *significação* e o *tema* – conceitos indissociáveis que estão sempre tensionados em cada enunciado. Segundo Volóchinov (2018, p. 228), a significação compreende "aqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências", não possuindo "uma existência independente concreta". Por isso, a significação recobre a língua em seu estatuto de potencialidade, ao se configurar como "um artefato técnico de realização do tema" (Volóchinov, 2018, p. 229). A significação, portanto, diz respeito aos "sentidos já estabilizados", porque, uma vez entendida pelo prisma da virtualidade sistemática da língua, ela é prévia a qualquer sentido, possuindo mobilidade específica e sendo encarnada diferentemente a cada enunciado.

Em termos de mobilidade específica, notamos, por exemplo, as várias entradas semânticas de

uma palavra dicionarizada. No dicionário, não há sentidos, mas significações: a cada enunciado, as entradas semânticas prévias serão abarcadas e renovadas pelo tema. A relativa estabilidade e a regularidade são características da própria significação, em seu estatuto de repetibilidade. Volóchinov (2018), no caso em análise, refere-se à virtualidade da língua, um sistema compartilhado que é reinvestido de sentido a cada uso. Em uma de suas definições, Volóchinov (2018, p. 229) afirma que o tema é "[...] um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência [...]", enquanto o "complexo sistema dinâmico" se atualiza no/pelo "arranjo signico de um enunciado".

Dadas as considerações teóricas, ao ponderarmos que nas PLs há enunciados concretos, consideramos que o interesse analítico das investigações não deve ser a significação das práticas discursivas, isto é, aquilo que se manifesta como a regularidade, mas a sua mutabilidade específica realizada no tema concreto e situacional, ou seja, naquilo que se configura como o novo no fluxo ininterrupto de discursos da linguagem viva. Apesar dessa orientação, no processo analítico, a significação não deve ser desconsiderada, mas mobilizada para entender se os sentidos concretos ali materializados se efetivam ou se deslocam. Entendemos, assim, que tal perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana pode conferir aos estudos em/sobre PL a dinâmica e a vibração necessárias para entendê-las como constitutivas do fluxo ininterrupto de discursos e novas produções de sentido, assim como partícipes da construção dos ambientes de interação, o que inclui as cidades.

Ponderamos, como destacam Pennycook, Pessoa e Silvestre (2016), que a cidade e as relações que nela se estabelecem são construídas e lubrificadas pelos usos da linguagem na interação, assim como pelas tensões sociais e contradiscursivas em condições concretas que dela decorrem, de forma que a análise da PL de um bairro permite identificar e problematizar as

políticas linguísticas adotadas, assim como as disputas territoriais e socioculturais que se estabelecem através de contradiscursos. Ademais, é relevante ressaltar que, conforme argumenta Albuquerque Jr. (Live, 2020), os dados e o contexto de uma pesquisa sobre/em uma cidade não estão prontos ou acabados na superficialidade do solo, que operaria como uma *bacia que tudo dá e provê* para "mera coleta de registros". Tal aspecto teórico-metodológico demanda a construção de um olhar atento à conjuntura social para a pesquisa e a geração do *corpus*. Dessa forma, na próxima seção, discutiremos a contextualização sociopolítica do bairro Cidade Alta, em Natal/RN, com o objetivo de problematizar quais as condições sociais que podem ensejar práticas discursivas na PL do bairro central da capital potiguar.

2 O bairro Cidade Alta, em Natal/RN: espaços urbanos interativos de cultura, linguagens e tensões sociais

Como discutido, o objetivo desta seção é forjar um contexto para o bairro Cidade Alta em Natal/RN. Nesta perspectiva, ao estabelecermos relações dialógicas entre enunciados concretos em pichações, entendemos que os dados sobre ambientes urbanos públicos, assim como em qualquer espaço, não estão prontos ou acabados nas delimitações territoriais ou administrativas de um território/lugar/região, mas estendem-se àquilo que é enunciado concretamente e que, portanto, produz conteúdo semântico e o torna um espaço geográfico inteligível e valorado. Assim sendo, essa abordagem se configura como um procedimento metodológico relevante para a realização da análise dos dados, pois, como observado, todo enunciado concreto emerge de/em uma conjuntura contextual que dialoga

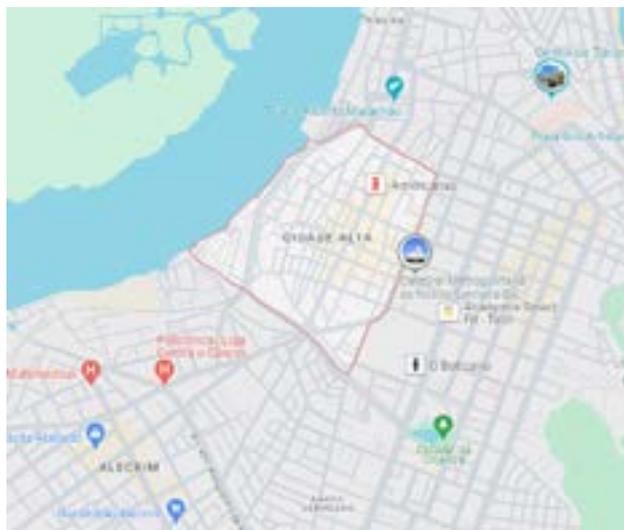
com a cultura e a história.

Em vista disso, nesse procedimento metodológico, não objetivamos, de forma semelhante, buscar origens da localidade em que os enunciados da PL estão situados, pois rastrear origens implicaria pressupor, como discute Albuquerque Jr. (Live, 2020), que há uma essência territorial que poderia ser captada e meramente representada pelo enunciado científico, o que se configuraria como uma verdade. Todavia, ao considerarmos o discutido a partir do Círculo de Bakhtin e dos diálogos com Albuquerque Jr. (Live, 2020) e Foucault (1999), entendemos que não há uma verdade sobre o território, mas "verdades" contingentes que seduzem, dão (ou buscam dar) ideia de fixidez, essência e estabilidade.

Assim sendo, o interesse aqui, com base em Foucault (1999), é pelos começos. Neste caso, argumentamos que o objetivo da discussão neste tópico é forjar o contexto do bairro Cidade Alta. Para isso, mobilizamos duas reportagens que indicam, no atual contexto socioeconômico, questões que são ou podem se tornar verdades contingentes, estruturadas em narrativas que informam e moldam as práticas discursivas e sociais na PL da localidade supracitada.

2.1 O bairro Cidade Alta enunciativamente (re)construído

O bairro Cidade Alta, localizado na capital potiguar, é popularmente conhecido como "Centro". Nele também está localizado o centro histórico; é o primeiro bairro da cidade e onde começa a cidade de Natal. Sua localização estratégica, de fato, faz jus a sua denominação mais conhecida – "Centro" –, pois ele está geograficamente localizado em um local de fácil acesso para todas as zonas da cidade, conforme captura de tela a seguir.

Figura 1 – Captura de tela de recorte do mapa da cidade de Natal/RN

Fonte: Google Maps.

Na imagem anterior, o bairro Cidade Alta está marcado com pontos tracejados vermelhos, o que indica, de fato, uma posição estratégica como centro da cidade. Em termos sociais, a Cidade Alta possui características marcantes, especialmente por carregar traços históricos importantes tanto da história de Natal quanto do estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de um bairro comercial e residencial que se encontra nas proximidades do estuário do rio Potengi, além de possuir construções históricas como a

Prefeitura, sediada no Palácio Felipe Camarão.

Apesar da relevância do bairro para a cidade de Natal, há uma questão social e econômica que desponta enunciativo-discursivamente no bairro: uma crise socioeconômica que ocasiona o fechamento de lojas e a fuga de moradores. Desta forma, conforme podemos ler no título (chamada) da matéria a seguir (figura 2), enunciavam-se em Cidade Alta as dificuldades de se manter empreendimentos e, por consequência, empregos.

Figura 2 – Captura de tela de reportagem
Comerciantes falam de desafios para sobreviver na Cidade Alta

Fonte: Tribuna do Norte

Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/natal/comerciantes-falam-de-desafios-para-sobreviver-na-cidade-alta/>. Acesso em: 10 mar. de 2024.

Na matéria, intitulada: "Comerciantes falam de desafios para sobreviver na Cidade Alta", o jornal *Tribuna do Norte* mobiliza a voz de empresários locais para dizer e produzir sentidos sobre o bairro em questão e, como destacado, sobre

o contexto em que o bairro se encontra – para eles, tido como desafiador. Além dos dizeres dos comerciantes, o que chama a atenção na reportagem é a foto colocada abaixo da chamada da matéria: uma fotografia do que seria a fachada de

uma loja com um adesivo registrando "aluga-se", o que indicia que o espaço foi fechado. Outro aspecto relevante de se notar na imagem são as pichações, que não estão legíveis mas que dizem também sobre um espaço simbolizado por uma diversidade de gêneros do discurso usual na vida pública. A pichação também produz um contraste, pois, ao tempo em que a placa de "aluga-se" se apresenta como ordenada, linear e organizada, os signos pichados apontam para sentidos contrastantes de não linearidade e desarmonia. Não se trata de uma fotografia gratuita ou inocente, pois podemos inferir, de acordo com o enunciado no título, que o enunciador quer imprimir sentidos de que um dos "desafios para sobrevivência" de empresários em Cidade Alta é a prática da pichação.

Foi esse contexto que nos afetou e mobilizou a investigar a PL da referida localidade, pois essas práticas discursivas públicas podem fornecer uma chave significativa de interpretação e problematização do contexto social da localidade. Esse contexto social está em constante debate e disputa, como podemos inferir nas matérias jornalísticas, mas apresenta também um contexto de acirramento, especialmente em virtude da crise financeira. Assim sendo, e conforme argumentamos, as práticas discursivas públicas que compõem a PL do bairro podem nos forne-

cer subsídio significativo para, ao analisar, em perspectivas de outra racionalização que não a cartesiano-positivista, problematizarmos a vida social na localidade, assim como as relações dialógicas nela estabelecidas.

A seguir, após construirmos e apresentarmos um contexto para o bairro Cidade Alta, daremos continuidade à análise. Consideramos, para o procedimento analítico, a conjuntura histórica, social e discursiva desse ambiente de interação, que se configura como um contexto que informa e molda as práticas discursivas mencionadas.

3 No "...coração da Selva... de Pedra": paisagem linguística e cenas enunciativo-discursivas

Este tópico da discussão é destinado à análise dos dados e, como destacado, o *corpus* de análise é composto por fotografias de enunciados que compõem a PL do bairro Cidade Alta, em Natal/RN. No decorrer do processo de geração dos dados, deparamo-nos com dez enunciados (pichações) que compõem a PL do bairro Cidade Alta. Dessa forma, através dos registros fotográficos por nós realizados, produzimos o seguinte panorama nas cenas enunciativas que compõem a PL do bairro.

Figura 3 – Panorama da PL do bairro Cidade Alta



Fonte: os autores.

Esse panorama é composto por dez fotografias de enunciados que tematizam diferentes aspectos da vida social, da mesma forma que são compostos por diferentes arranjos verbovisuais. Como exemplo, destacamos o primeiro enunciado: "...o centro é o coração da Selva... de Pedra"; ele tematiza a territorialidade, ao se valer de uma metáfora que produz sentidos acerca do próprio centro da cidade, enunciado como o coração, ou seja, aquilo que é responsável por manter algo vivo. Outros enunciados discutem sobre classe social, pois manifestam: "1º de maio por uma questão de classe" e "só o povo salva o povo". O fato é que a pichação é o gênero discursivo mais produtivo da PL do bairro Cidade Alta, tanto em termos quantitativos quanto em termos qualitativos.

Todos esses enunciados que compõem a PL pública da Cidade Alta são extremamente significativos. Sendo assim, em função deste artigo, discutiremos o enunciado "cura hetero", pois o entendemos como um enunciado espetacular, nos termos de Moita Lopes (1996), ou seja, um enunciado que se destaca pela sua valoração e, por consequência, pela sua capacidade de provocar, produzir estranheza e constranger. Do mesmo modo, argumentamos que a problematização desse enunciado propicia uma maior riqueza de análises e adensa um diálogo profícuo com as reflexões que visam às práticas sociodiscursivas contemporâneas, as questões de sexualidade, o exercício da cidadania e dos direitos humanos.

Desta feita, conforme enunciamos minimamente na introdução, procedemos, adiante, com uma análise dialógica do discurso, ao adotar, como procedimento analítico, uma leitura enunciativo-discursiva baseada nas proposições de Volóchinov (2018), que consiste em discutir sobre a esfera da atividade humana na qual o enunciado foi produzido, sobre o gênero do discurso e, por fim, sobre o arranjo estilístico e os sentidos produzidos tematicamente nos processos enunciativos. Dito isso, seguimos à seção de análise.

3.1 Nas escrituras da/na cidade, esferas da atividade humana e gêneros do discurso

É relevante destacar que não há uma discussão sistematizada sobre a(s) esfera(s) da atividade humana nas quais está inserida a produção de pichações, o que nos leva a elaborar uma sistematização sintética acerca dessa discussão. Conforme discutem Fernandes (2011), Machado e Pizzinato (2021) as pichações se configuram como práticas discursivas que reverberam a apropriação dos espaços públicos citadinos através de práticas de linguagem verbovisuais. Podemos inferir, portanto, que o ato de pichar está inserido na esfera cultural, política, artística e social da expressão humana, aquela cujo objetivo profícuo é a manifestação criativa de crenças, identidades culturais, demandas e contestações.

Desta forma, a pichação se configura como uma expressão ideológica cultural, política e artística que envolve a escritura de enunciados em espaços públicos das cidades. A prática de pichação está intimamente ligada à cultura urbana, daí a importância de discutir, por exemplo, o contexto do bairro Cidade Alta, pois essas escrituras da cidade adquirem a sua concretude no seu contexto sociocultural e discursivo. Mais que isso, a partir da noção de *escritura* de Derrida (2015), entendemos que essas práticas discursivas deixam rastros materiais das disputas e batalhas litigantes no/do território. Assim, as pichações rompem com as pretensões de linearidade, harmonização e higienização dos espaços urbanos, ao produzirem "fraturas" nesses espaços que se constituem das próprias relações sociais. Portanto, a pichação é um gênero fortemente *contradiscursivo*, adjetivação que decorre, sobretudo, do seu caráter de contestação, subversão e reação crítica à aspectos sociopolíticos da conjuntura social.

Como exposto, a pichação emerge de um diálogo das esferas da atividade humana que possuem, nas expressões artística, cultural e política, a sua confluência. O objetivo do ato de pichar é, desse modo, expressar demandas, desejos, anseios, angústias dos sujeitos na socie-

pesquisa que aponte esse perfil sistematizado, mas, conforme dissertação de Santos (2015), que discute a paisagem e a espacialização da cidade através de grafites e pichações, inferimos que o perfil é: jovens de bairros periféricos; em sua maioria, do gênero masculino; entre 17 e 29 anos.

Já o perfil da coenunciação torna-se ainda mais difícil de traçar, mas inferimos que, em virtude da localidade em questão, os coenunciadores alvos das práticas discursivas podem ser transeuntes que passam cotidiana ou esporadicamente pelo bairro. Mas quem teria questões que ensejariam a passagem pelo centro? Inferimos: trabalhadores, servidores públicos municipais, estaduais e federais de órgãos situados no centro e pessoas mais abastadas economicamente, como proprietários de lojas e demais empreendimentos. Concluimos, portanto, que um dos objetivos dos enunciadores, junto à coenunciação, é, assim como indica o gênero do discurso, provocar, inquietar, constranger e compelir, o que indica uma tensão social significativa, manifestada nas cenas discursivas públicas do centro da cidade.

Acerca do arranjo linguístico, o enunciado escrito da pichação é um sintagma nominal, uma unidade gramatical em que o termo "cura", um substantivo, está sendo adjetivado pela palavra "hetero", que sofreu um processo morfológico de lexicalização, no qual o prefixo hétero assumiu sentidos de uma unidade lexical autônoma, ao fazer referência a uma orientação sexual. O substantivo feminino *cura*, núcleo do sintagma nominal, possui como definição, de acordo com o Priberam – dicionário *on-line* – e seus significados potenciais, "ato ou efeito de se curar, solução para algo, emenda e/ou regeneração". Assim sendo, podemos inferir que o(a) enunciator(a) propõe que a heterossexualidade, a atração romântica e/ou sexual entre pessoas de diferentes gêneros, é uma doença ou condição médica que demanda cura. Todavia, sabemos que a heterossexualidade nunca foi considerada e/ou foi incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID), estabelecida pela Organização Mundial da Saúde, mas sabemos, conforme Santos Filho (2020), que a heterossexualidade foi construída

historicamente como a norma, como aquilo que se pretende estável, essencial, biológico, natural e, por consequência, verdadeiro e hegemônico, o que fez com que, em um movimento de revide, o prefixo fosse, em um rearranjo linguístico, sucedido pela palavra *cura*, de forma a evidenciar que a heterossexualidade diz respeito a sexo, política e poder, no que se configura como uma heteronormatividade.

Mas o que seria essa terapia de conversão? Silva (1986), em discussão na obra *Nossos desvios sexuais. Normal? Anormal?*, citado por Pereira (2017) em reportagem, descreve o seguinte:

Há também uma psicoterapia, para tentar a cura da homossexualidade, que consiste em combinar terapêuticas medicamentosas e psíquicas. De início se provoca a repulsa do invertido por suas práticas e, depois, reconcilia-lo com o sexo reprimido. Assim: mandam desfilar, numa tela, fotografias de homens despidos à frente do homossexual, enquanto, simultaneamente, lhe aplicam injeções vomitivas de apomorfina. Então, um alto-falante lhe diz coisas depreciativas sobre amizades particulares. Dois dias após, altera-se o sentido do tratamento, apresentando-lhe imagens de pin-up, no momento em que lhe aplicam injeções estimulantes e tocam discos de vozes femininas suaves, com apelos ao sexo. Chamam a isso terapêutica de punição do mal e reconciliação com o bem. Dizem que tem havido êxito em alguns casos.

No Brasil, mesmo com a retirada da homossexualidade do CID em 1990, ocorreu e ocorre, explicitamente, a defesa da possibilidade de uma "cura gay". Em 2014, veio à tona o caso da psicóloga cristã Marisa Lobo, que defendia sem restrições a realização de terapias de conversão à heterossexualidade, o que culminou com a cassação, em 2014, do seu registro no Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Assim, é importante salientar que, mesmo com a cassação do registro dessa "psicóloga cristã", o tema da "cura gay" invadiu diferentes ambientes de interação e esferas da atividade humana, visto que foram realizados congressos, audiências públicas e projetos de lei defendendo explicitamente a "cura gay". Nos últimos anos, mesmo com a proibição da oferta de teorias de conversão, têm havido inúmeras denúncias na imprensa de que consultórios de psicologia e igrejas evangélicas

ainda promovem a denominada "cura gay". Tal procedimento é considerado tortura e é uma das causas apontadas para o suicídio da influenciadora lésbica e conservadora Karol Eller, em 2023, após passar período em retiro e anunciar "que havia abandonado práticas homossexuais".

Em termos da análise dos sentidos construídos concretamente no enunciado "cura hetero", entendemos que ele promove uma paródia da posição axiológica reverberada nos ideais de uma "cura gay", pois constrói, parodicamente, mediante a mobilização da voz de outrem, uma polêmica, ou seja, uma dissonância entre diferentes posicionamentos ideológicos, conforme discute Bakhtin (2015) acerca da noção de paródia na Teoria do Romance. Desta forma, o enunciado concreto "cura hetero" está funcionando, tematicamente, como uma paródia de "cura gay", porque promove e está lastreado na dissonância e na polêmica, ou seja, no conflito entre diferentes vozes.

Destarte, é relevante ressaltar que o conflito envolto no processo enunciativo paródico em análise é, sobretudo, valorativo, pois ele implica, no ato de mobilizar a voz de outrem, a tensão entre posições ideológicas, uma das características da paródia, conforme discute Bakhtin (2015). Nesta perspectiva, argumentamos que é nesse combate valorativo que o enunciado "cura hetero", ao desafiar e subverter o discurso dominante da heteronormatividade sustentada pelos elos discursivos de uma "cura gay", adquire realces contradiscursivos por excelência.

Neste ínterim, enquanto a proposição de uma "cura gay" diz respeito a uma patologização da homossexualidade, o sintagma "cura hetero" realiza uma ironia e um contradiscurso de resistência, inferência que é possível porque o enunciado em análise, ao subverter e contestar um discurso autoritário em muito sustentado pelas esferas médico-acadêmica e religiosa, adquire nuances de dissonância e polêmica valorativa junto ao discurso das teorias de conversão da homossexualidade, movimento que permanece forte na contemporaneidade, conforme discute Santos Filho (2020). Portanto, "cura hetero" paro-

dia, ironiza, provoca, constrange, tenciona, polemiza, rasura e desmascara a heterossexualidade: não como uma questão de essência, ontologia do ser, biologia e/ou natureza, mas como uma questão política, como uma questão discursiva de sexo-político-poder.

Conforme destaca Bakhtin (2016a), enunciados diferentes podem nunca ter-se tocado, mas, mesmo assim, poderão ser estabelecidas relações dialógicas entre diferentes enunciados que possuam a mesma temática. Desta forma, assim como os sentidos propostos na pichação analisada, Pereira (2017) também ironiza e parodia a "cura gay", ao dizer que uma "cura hetero", em um contexto no qual a heterossexualidade seria um pecado, consistiria em

[...] de início se provoca a repulsa do invertido por suas práticas e, depois, reconciliá-lo com o sexo reprimido. Assim: mandam desfilar, numa tela, fotografias, com tarjas de "Heterossexuais, perigo à sociedade", de homens e mulheres heterossexuais despidos à frente do heterossexual – se o paciente for homem, as imagens devem ser de homem; se a paciente for mulher, as imagens devem ser de mulher –, enquanto, simultaneamente, lhe aplicam injeções vomitivas de apomorfina. Então, um alto-falante lhe diz coisas depreciativas sobre relacionamentos sexuais entre heterossexuais. Dois dias após, altera-se o sentido do tratamento: apresenta ao heterossexual filmes pornôs entre LGBTs, no momento em que lhe aplicam injeções estimulantes, viagra ou cialis, com apelos ao sexo LGBT. Chamam a isso terapêutica de punição do mal e reconciliação com o bem.

Dado o exposto, argumentamos que o sintagma "cura hetero", pichado na fachada de uma loja, configura-se como um contradiscurso estilisticamente estruturado em estratégias linguístico-discursivas que aliam a ironia, uma figura de linguagem retórica, com uma paródia do sintagma "cura gay". Essa é uma das possibilidades de leitura aventadas, assim como nas relações dialógicas estabelecidas com o artigo de opinião de Pereira (2017), que também se vale dessas estratégias para rasurar, debochar, fraturar e ironizar a (re) patologização da homossexualidade.

Em síntese, compreendemos que essa pichação analisada contesta, contrapõe-se e revida o *status quo* dominante acerca de uma orientação sexual construída como hegemônica. Como dis-

cutido, a referida prática discursiva, ao tempo que ironiza e parodia a noção conservadora de "cura gay", constrange, embaraça e inquieta a heteronormatividade, mediante um contradiscurso potente, dissonante e polêmico. Assim sendo, entendemos que a PL do bairro Cidade Alta e, em específico, as pichações mobilizadas discutem acerca de temas sociais como gênero, sexualidade, territorialidade e classe social. Entendemos, do mesmo modo, que essas práticas discursivas produzem contradiscursos significativos acerca daquilo que tematizam, assim como constroem sentidos sobre a própria cidade, esse ambiente de interação no qual há batalhas de forças litigantes, tensão e polêmica.

Considerações finais

Conforme abordamos na introdução, questionamos, neste estudo, o que constroem semanticamente, sobre a vida social e as relações de poder, as práticas discursivas que integram a PL do/no bairro Cidade Alta, centro de Natal/RN? Quais diálogos e elos discursivos integram, refletem e refratam, protestam ou corroboram? Quais os mecanismos linguístico-discursivos adotados pelos enunciadores? Do mesmo modo, objetivamos, de modo geral, analisar e problematizar quais sentidos são construídos e tematizados nos enunciados que compõem a cena pública da PL do bairro Cidade Alta, em Natal/RN. De forma específica, objetivamos cartografar os elos discursivos e as relações dialógicas produzidas na PL da referida localidade, atentando-nos às questões de poder. Do mesmo modo, pretendemos, ainda, investigar quais as estratégias linguístico-discursivas foram adotadas nos processos enunciativos.

Dadas as discussões realizadas, é possível responder às perguntas de pesquisa concluindo que a PL do bairro Cidade Alta constrói sentidos sobre a territorialidade no centro da cidade, pois é enunciado como o coração de uma "selva de pedra", o que produz sentidos de que o bairro central é duro, abstrato e rude, especialmente para os sujeitos que são menos abastados economicamente. Concluímos, também, que a PL pro-

duz sentidos sobre as questões de sexualidade, ao se valer de estratégias linguístico-discursivas como a ironia, o deboche e a paródia, ao ironizar e parodiar os elos discursivos construídos sobre a "cura gay", que são, ao mesmo tempo, refratados em uma demanda por "cura hetero". Há na PL do bairro, portanto, contradiscursos de resistência significativos que se constituem nos processos enunciativos, cujas estratégias linguístico-discursivas já foram mencionadas.

Do mesmo modo, entendemos que os objetivos do trabalho foram alcançados, pois analisamos enunciativo-discursivamente os dados, ao problematizarmos a esfera de produção dos discursos, o gênero e o arranjo estilístico, assim como ao estabelecermos relações dialógicas entre as pichações, outros enunciados e a conjuntura social, política, cultural e histórica do País e da própria cidade de Natal. Concluímos, dado o exposto, que a PL da Cidade Alta é contradiscursiva por excelência, sobretudo quando levamos em consideração, em específico, as pichações, marcadas por processos enunciativos que constroem, provocam e rasuram, por exemplo, a heteronormatividade.

Ademais, em virtude do percurso investigativo realizado, consideramos que a PL do bairro Cidade Alta é fragmentada e superdiversa tanto em termos de esferas da atividade humana quanto em gêneros do discurso. Do mesmo modo, como analisamos, em específico, enunciados espetaculares – em virtude das suas valorações –, consideramos as pichações também fragmentárias, mas, nesse caso, em termos temáticos, pois cada enunciado concreto tematiza diferentes questões sociais. Tal aspecto se configura como uma dificuldade de leitura, pois entendemos, com Bazerman (2015), que cada enunciado possui indexado a si um mundo de sentidos acerca daquilo sobre o que faz referências. Ao mesmo tempo, a fragmentação da PL citada se configura como um elemento político determinante que anima e provoca a vida social ao estabelecer denúncias, descontentamentos com a urbe e demais aspectos sociopolíticos de resistência e contradiscurso.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Vede Sertão. Verdes Sertões: Cinema, Fotografia e Literatura na Construção De Outras Paisagens Nordestinas. *Fênix*: revista de história e estudos culturais, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/690>. Acesso em: 26 mar. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016a.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da obra de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016b.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BAZERMAN, Charles. *Teoria da ação letrada*. São Paulo: Parábola, 2015.

BLOMMAERT, Jan. *Ethnography, Superdiverity and Linguistic Landscapes: chronicles of complexity*. Toronto: Multilingual Matters Limited, 2013.

CURA. Priberam, Dicionário online de Português. 2024. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cura#:~:text=1.,ou%20tratamento%20contra%20uma%20doen%C3%A7a>. Acesso em: 25 mar. 2024.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Pichações: discursos de resistência conforme Foucault. *Acta Scientiarum, Language and Culture*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 241-249, jul. 2011. DOI: 10.4025/actascilangcult.v33i2.13864. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/download/13864/13864/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIVE. O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia. Caio Souto – Conversações filosóficas. 3 jul. 2020. 1 vídeo (1:56:20). Palestrante: Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFRN; UFPB; UFPE). Mediador: Caio Souto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQ3NrUoZGA8&t=23855>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MACHADO, Rodrigo de Oliveira; PIZZINATO, Adolfo. Relações de autoria e audiência na pichação urbana: uma perspectiva dialógica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 73, n. 1, p. 137-153, jan./abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBp2021v73i1p137-153>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672021000100010. Acesso em: 20 mar. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Quem matou Diego?": projeções escalares em paisagens semióticas OnlineOffline. *Delta*, São Paulo, v. 38, p. 01-30, dez. 2022. <https://doi.org/10.1590/1678-460X202259477>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZwnxjGdZGKxwD8r-VWVKXb4F/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea – problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 87-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada – Ensino e aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Fala-bella. Por uma "proximidade crítica" nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 17, n. 4, p. 711 - 723, dez. 2019. Disponível em: 10.4013/cld.2019.174.03. Acesso em: 10 mar. 2024.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. PENNYCOOK, Alastair. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade – questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-83.

PENNYCOOK, Alastair; OTSUJI, Emi. *Metrolingualism: language in the city*. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015.

PENNYCOOK, Alastair; PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Reflexões Sobre Linguística Aplicada Crítica: Uma Conversa Com Alastair Pennycook. *Signótica*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 613-632, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/44708>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pichação em São Paulo. *Lua Nova: revista de cultura e política*, São Paulo, v. 79, p. 143-162, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/ny6sCYSBBjVwbTq98tkzVwx/?lang=pt#>. Acesso em: 15 mar. 2024.

PEREIRA, Sérgio Henrique da Silva Pereira. *O Véu da Ignorância e a "cura hétero"*. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-veu-da-ignorancia-e-a-cura-hetero/508451278>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia. Notas para uma Linguística Aplicada Antidisciplinar crítico-transgressiva. In: FOLMER, Ivanio; BASQUEROTE, Adilson Tadeu (org.). *Educação e ensino: entre experiências e perspectivas*. Santa Maria: Arco, 2023. p. 180-211.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio. *Linguística Queer*. Recife: Pipa Comunicação, 2020.

SANTOS, Julia Monteiro Oliveira. Subversão na paisagem: do canto do graffiti ao grito da pixação. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SHOHAMY, Elana. *Language Policy: Hidden Agendas e New Approaches*. London & New York: Routledge, 2006.

SHOHAMY, Elana; GORTER, Durk. *Linguistic landscape: expanding the scenery*. New York: Routledge, 2009.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto de pesquisa em Linguística Aplicada e ao complexo. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 99-110.

SILVA, Valmir A. da. *Nossos desvios sexuais*. Normal? Anormal? Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Tradução de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Tradução de Sheila Grilo. São Paulo: 34, 2018.

Hugo Pedro Silva dos Santos

Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem, com ênfase em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL - UFRN), e Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista CAPES - DS (2024-2027). Pesquisador do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em questões do Sertão Alagoano (GELASAL/UFAL).

Emiliana Oliveira de Lima

Mestre em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEL/UFRN, na área de concentração Linguística Aplicada, linha de pesquisa Estudos de Práticas Discursivas, com a dissertação intitulada "Constituição identitária de sujeitos aprendizes de Libras no CAS Natal", defendida em 2022. Doutoranda em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFRN). É professora de Libras da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte desde 2013, atuando no Atendimento Educacional Especializado (AEE), com alunos surdos no Centro de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS Natal. Possui certificação de Proficiência para o Ensino de LIBRAS aprovada no 7 PROLIBRAS, 2015. Atuou como professora de Libras na rede municipal de ensino de Natal de junho de 2017 a abril de 2019. Participou do grupo de Estudos Freinetianos – GEF (2008 a 2010), na UNP. Foi bolsista de pesquisa sobre a Formação de Professores Freinetianos (2010), na UNP.

Marília Varella Bezerra de Faria

Possui graduação em Letras – Habilitação Inglês e Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1992), graduação em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1981), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1996), doutorado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007) e pós-doutorado na área da Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2013/2014). Atualmente, é professora associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, também vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa/CNPq Práticas Discursivas na Contemporaneidade, tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando, principalmente, nos seguintes temas: discurso, identidade, crenças, língua inglesa, literaturas inglesas e cultura.

Endereço para correspondência

HUGO PEDRO SILVA DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Departamento de Letras

Av. Sen. Salgado Filho, S/N, Sala 306

Lagoa Nova, 59078970

Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

EMILIANA OLIVEIRA DE LIMA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Departamento de Letras

Av. Sen. Salgado Filho, S/N, Sala 306

Lagoa Nova, 59078970

Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

MARÍLIA VARELLA BEZERRA DE FARIA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes

Departamento de Letras

Av. Sen. Salgado Filho, S/N, Sala 306

Lagoa Nova, 59078970

Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.